

Notas sôbre Sartre

No famoso afresco *A Escola de Atenas*, que se admira em uma das Câmaras do Vaticano, o gênio de Rafael sintetizou, em dois soberbos gestos, duas filosofias representativas do que de mais alto produziu o helenismo: Platão, de dedo levantado, aponta resolutamente para o céu como a precisar a direção do seu famoso *mundo das idéias*, enquanto o seu não menos ilustre discípulo Aristóteles estende serenamente a destra pelo mundo sensível, como que pretendendo abarcá-lo em um movimento amplo, materializando, dê-se modo, o conselho de Píndaro: "O' minh'alma, não aspire à vida imortal, mas esgota o campo do possível".

O fato, contudo, de estarem postados juntos a dialogar parece revelar que, na intuição profunda do maravilhoso pintor renascentista, ambos os sistemas se completam.

Assim é, realmente, e assim o vemos com o recuo do tempo: platonismo e peripatetismo consubstanciam para nós, os pósteros, o essencial de gênio grego como o tomismo tipifica a Idade Média, e assim por diante.

Tal é o destino de todos os sistemas filosóficos, só aparentemente contraditórios, e que prolongam a história da humanidade em perene esforço, renovado sempre em cada geração, de reduzir o sensível absurdo ao inteligível-lógico.

Se um pintor hoje pretendesse, por sua vez, retratar Sartre em típica atitude filosófica, teria de representá-lo absorto em meio de crianças, com um calhau seguro entre os dedos, sentindo a primeira *náusea existencial* nas mãos ao conscientizar-se da existência do pedregulho, conforme está descrito nas primeiras páginas da *Náusea*. Seria necessário um imenso talento para captar, na sua face de nojo, o exato momento da vertigem ontológica ante a contingência de ser sentida pelo então jovem pensador.

Inegavelmente, Sartre é um dos filósofos representativos do nosso tempo, motivo pelo qual o devemos estudar, se quisermos entender o momento que nos é dado viver. A dificuldade, contudo, está em que, em pleno vigor intelectual e fecunda produção literária, a última palavra não pode ainda ser dada a seu respeito, além de não ser fácil manter-se uma serena atitude de imparcialidade intelectual em face de talento tão grande e, por isso, tão controverso.

I. SARTRE E ROUSSEAU

Contudo, talvez semelhante dificuldade pudesse ser provisoriamente atenuada ou mesmo contornada, mediante um raciocínio analógico. Um paralelo entre êle e outro pensador de era pretérita, mas de igual envergadura, nos ajudaria, quem sabe, a sair do impasse. Com toda a reserva que tais paralelos nos impõem, vamos, pois, à guisa de preliminar equacionamento do problema "Sartre e o Século XX", compará-lo com a não menos talentosa, nem menos torturada, nem menos vibrante testemunha lúcida do seu século que foi Jean-Jacques Rousseau.

Não é arbitrária a escolha. Existem duas famílias de filósofos: os quietos, construtores frios de sistemas graníticos, bem arquitetados, complexos e monumentais, como Spinoza, Kant, Hegel — em geral homens de gabinete, que se debruçam da janela dos seus livros para a rua da vida —, e os irrequietos, menos sistemáticos, porém, mais vibrantes, como Abelardo, Santo Agostinho, Pascal, dêesses que descem à dita rua a fim de participar ativamente das lutas e angústias da era em que vivem e por isso não têm tempo, nem calma, nem paciência, nem ambiente para arquitetar sistemas na paz das bibliotecas. Produzem idéias ao frêmito dos embates da vida.

Quer-nos parecer que tanto Rousseau quanto Sartre pertencem a êsse segundo grupo. E a semelhança vai além da estrutura mental ou família de espírito, para chegar ao temperamento e aos respectivos destinos de vozes conscientes de uma situação vivida por todos os seus contemporâneos. Vejamos alguns traços dessa similitude de carreira, destino e caráter. Independentemente ambos até o paroxismo, Rousseau, embora nada ortodoxo, afasta-se, por seu teísmo, dos enciclopedistas, do mesmo modo que Sartre, materialista, se separa

do marxismo no que este tem de radical, embora concordando sempre com seus postulados fundamentais. Recusa-se Sartre ao casamento formalizado, como Rousseau fugiu às conseqüências da paternidade. Negando-se a gerar descendência, por considerar isso servilismo burguês, não age melhor do que o solitário passeante genebrino ao colocar seus cinco filhos na roda do asilo de expostos. Sartre desmascara a hipocrisia social de nosso século com o mesmo vigor e sinceridade raivosos com que Rousseau investia contra o artificialismo na nobreza do Século XVIII, que teve em Versailles o seu florão. É curioso observar que nenhum sabe ironizar e muito menos rir. Como devem sofrer homens assim, meu Deus! São, pois, duas inteligências superiores encrostadas em temperamentos igualmente desarmônicos e inconformados, denunciadores das mazelas do tempo com os seus recursos de incomparáveis artistas da pena, cujo imenso talento verbal arrasta mais do que convence, encobrando, no ardor do verbo, certas fraquezas do raciocínio lógico. Como os carrilhões dos campanários anunciam as horas do dia às áreas adjacentes, as obras de homens como Rousseau e Sartre ecoam a modo de badaladas no sino do tempo, anunciando a que altura da História nos encontramos. São gritos de consciências feridas que merecem respeitoso ouvido, ainda que talvez possamos discordar do texto em que estão vazados. Os melhores documentos, para um paralelismo acadêmico entre Rousseau e Sartre, são, naturalmente, as respectivas obras. Se alguém quisesse iniciar-se na filosofia de Sartre, aconselharíamos a começar de preferência pelo seu teatro, mas se desejasse conhecer o *homem* Sartre, sugeriríamos abrisse a quase autobiografia *As Palavras*, do mesmo modo que no *Emílio*, no *Contrato Social*, etc., está o filósofo de Genebra, ao passo que o passeante solitário está de corpo inteiro nas *Confissões*. O confronto destas últimas com as *Palavras* é que bem mostra serem almas gêmeas! A causa do sucesso popular dos dois é também idêntica: a busca da sinceridade total, sem nenhum "manto diáfano de fantasia". A obra de ambos é dura, feia, cruel porque o pensamento está nelas absolutamente desnudo. É claro, note-se, que, esteticamente, Sartre não "reprise" Rousseau, reescrevendo uma autografia quase cínica. É artista demais para rebaixar-se a papel carbono de igual modo a Rousseau, que em nada se inspira no grande sincero que foi Santo Agostinho. É no espírito e no sentido que se emparelham *As Confissões* e *As Palavras*, não na forma. Fica aí a sugestão para uma possível tese acadêmica.

II. O TEATRO DE SARTRE

Sartre, seguindo a trilha da rica e multissecular tradição teatral francesa, faz do palco tribuna e cátedra, como queria Victor

Hugo. Escritor abundante e de largos recursos — prova-o o Prémio Nobel que lhe foi concedido, ainda que voluntariamente recusado por coerência com a sua atitude de constante má-criação para com a sociedade institucionalizada —, êle se serve da cena; em geral, transporta posteriormente para a tela (como são filmicas as suas peças!) para vulgarizar algumas de suas idéias fundamentais, dificilmente assimiláveis pelo grande público nos seus vastos tratados filosóficos.

Na época dos audiovisuais em que vivemos, não há dúvida que é um recurso feliz de que êle lança mão para atingir camadas humanas impermeáveis à filosofia pura. Diante de Sartre teatrólogo, o leitor não pode deixar de evocar Platão que, também em diálogos imortais, soube superiormente vestir as mais abstratas idéias com imagens tão concretas e expressá-las através de situações e exemplos tão vivos, que podemos dizer que as tornar visíveis e palpáveis.

Observe-se que Sartre não faz em seu teatro um trabalho de puro esteta, quer das palavras, quer dos sentidos. Nesse particular, Montherlant e Anouilh, para só lembrar vivos, têm mais valor artesanal. O que, todavia, singulariza o teatro sartreano no meio da imensa produção atual é a subordinação da beleza à verdade. Não tem graciosidade, tem fôrça. Comparado à escultura, lembraria a arte de Rodin. *Os Burgueses de Calais*, *São João Batista*, a *Porta do Inferno*, são tantas esculturas que parecem haver posado para Garcin, Inês, Estela, Hugo, Heederer, Goetz, Heinrich e tantos outros personagens existencialistas que andam resolutamente pela vida, em direção ao seu destino, o qual sabem irreversivelmente trágico, o que lhes aumenta a sombria grandeza. Até o *Pensador*, que seria, no caso, o próprio Sartre, não está “relaxando” mas, sim, numa atitude tensa de decisão como que se aprestando interiormente para executar alguma deliberação íntima, longamente amadurecida.

Em cada uma de suas peças, Sartre expõe visualmente, através de determinada situação muito precisa, um ponto de sua filosofia. Nas *Mãos Sujas*, por exemplo, temos uma estupenda denúncia de encabrestamento ideológico-político. O existencialismo exige absoluta sinceridade de indivíduo para consigo mesmo, a fim de que a sua essência, determinada e construída pela sua própria existência, não seja uma farsa a mais. Quando a sociedade obstaculiza tal autofidelidade, cumpre ao indivíduo recusar, a qualquer preço, a máscara de convencionalismo que ela oferece. Tal é o drama de consciência, de sabor cornelianiano, do “irrecuperável” Hugo.

Na *Respeitosa*, temos, exaltada, dentro de um violento líbello anti-racista, a autenticidade humana encarnada por uma decaída.

Mas é, talvez, em *Huis-Clos* que êle alcança o máximo de êxito artesanal, construindo uma peça em moldes clássicos, onde quase nada se passa para a vista do espectador, mas tôda a ação converge para um conflito de consciências. Com Sartre nada é simples. Em tudo quanto escreve há uma dramática concentração de elementos. Em *Huis-Clos* não é só êsse aspecto psicológico do teatro francês do Século XVII que vamos encontrar. A peça é também algo simbolista, já que suas personagens não são caracteres, mas antes tipos genéricos, e a sua atmosfera paira fora do tempo e do espaço, num indefinido material que sublinha, de modo épico, a universalidade de sua mensagem. Há, ainda, nela, sólidamente unido, um "mito" cristão (o inferno) de que êle parte, como outrora Platão dos mitos gregos, para alçar-se aos pináculos da filosofia (o seu sistema existencialista). Realmente, começando pela idéia popular de Inferno, compreendida por todos, êle posta três criaturas, duas mulheres e um homem, encerrados definitivamente em um quarto. É a presença mútua dos três que vai produzir todos os choques e amargores de que está polvilhada a vida de cada um. Daí, a exclamação de Garcin e síntese da filosofia da peça, ante a impossibilidade de quebrar essa cadeia: "O Inferno são os outros".

Ateu e materialista convicto que é, Sartre considera pura fantasia a escatologia cristã de diabos, fogo e torturas. Para êle, o que há são apenas os outros, o mundo em que estamos mergulhados, a sociedade à qual estamos todos irremediavelmente acorrentados.

De ponto-de-vista puramente formal, a afirmativa de Garcin é insustentável: se os outros são o meu inferno, eu, que sou *outro* para o *eu* dos outros, também sou o inferno dêles. Essa recíproca tem de ser verdadeira, para a frase guardar seu valor de universalidade. Então, a conclusão lógica devia ser: "Somos todos o Inferno" ou "o Inferno está em cada um de nós".

Mas a lógica formal não esgota a filosofia, visto, por êsse prisma meramente escolar, ser igualmente absurdo o *cogito* cartesiano, por irredutível a um silogismo.

A intuição inicial de um filósofo não pode ser escolasticizada, se a quisermos entender na sua dinâmica. Pecam, inevitavelmente, os manuais de filosofia ao reduzirem a retalhos de mera anatomia filosófica a marcha empolgante do pensamento de um gênio através da realidade, da mesma forma como o melhor manual de anatomia não pode reproduzir, com fidelidade, a sistole e a diástole do coração e artérias. A pulsação filosófica só se toma ao contacto das obras originais e não dos manuais.

Sendo assim, que quer Sartre, então, demonstrar em *Huis-Clos*?

Pretende expor, exemplificadamente, a parte negativa de sua ética, rigorosamente deduzida de sua metafísica.

Sendo o mal um fato insofismável e não existindo nenhum *além-mundo*, a sua raiz se encontra justamente neste perene *estar ai* de cada qual, em relação aos demais. "O homem está condenado à liberdade", outro aforismo sartriano, encontra, então, o seu doloroso corolário moral em "o Inferno são os outros", já que são eles que limitam essa liberdade.

A atitude a deduzir de tais princípios é o isolamento. Curioso é observar como é essa a dominante do teatro sartriano: não a fuga, mas o confinamento, a modo de neo-estoicismo de base materialista, tal no herói principal, voluntariamente encarcerado, dos *Sequestrados de Altona*, na *Respeitosa*, que termina ficando sòzinha no quarto com o aspirador de pó em punho, como no princípio; em *Huis-Clos*, onde o pano cai dando a desagradável sensação ao espectador de que não pode haver desfecho para o drama, que êle não vai parar nunca, mas continuar tão violento ou pior depois dêle sair, e assim por diante.

Não há dúvida de que a vida é um perpétuo recomeçar. Talvez, aí esteja o segredo da arte de Sartre como teatrólogo. Ao passo que as peças de classicismo e de romantismo sempre têm um fim (aí os dramalhões hugoanos em que quase todos morrem para, logo mais, vir à bôca da cena receber os aplausos!), as de Sartre dão a pesada sensação de continuidade na luta, como quer a dimensão existencialista do mito de Sísifo, estudada por Camus e ignorada pelos românticos, os quais, nas situações conflitivas, solucionam o absurdo pelo suicídio grandiloquente. É difícil dizer se o seu teatro sobreviverá. É bem possível que as gerações futuras não vejam nêle mensagem alguma perene e só o considerem documentário do Século XX, como nós hoje com a dramaturgia religiosa medieval.

Até para os contemporâneos êle é difícil — não se tratando de teatro leve, digestível, que faz concessões ao público —, quanto mais para os que hão de vir.

Mas, pouco importa o que digam os pósteros. Se, como afirmava Teilhard de Chardin, só se sobrevive na medida em que se é ultrapassado, Sartre não tem que temer o juízo do futuro. Seu sucesso atual é um penhor de que, discutido, não será olvidado.

III. A "MANEIRA" DE SARTRE

Para analisar o modo pelo qual flui o pensamento de Sartre, qual a sua *maneira* de filosofar, o melhor método é se analisar um livro seu referente a um assunto bem delimitado. O detido exame de um ponto específico permite, depois, estender o método aos demais aspectos da sua filosofia, sem perigo de perder-se o leitor no dédalo do sistema.

Escolhamos um livro seu de pequeno fôlego sôbre um assunto preciso. *Reflexões sôbre a Questão Judaica*, por exemplo. O que à primeira vista impressiona o leitor nesta obra é a sua potência verbal. Não se trata de mera facúndia ou loquacidade ôca. Não. Èle é pensador bem servido pela pena e não palrador vulgar. Es-maga o leitor com a rapidez e agudeza da marcha de sua reflexão. È muito difícil contestar Sartre, pois poucos podem acompanhar-lhe o ritmo rápido do raciocínio. Seria preciso dissecar seu modo de pensar em câmara lenta para detectar-lhe as falhas. Em uma leitura corrida, poucos as notam. No particular dessa obra a respeito do anti-semitismo, a conclusão do leitor médio é estranha: sim, o livro contém verdades e muitas observações penetrantes e vistas originais, mas... — falamos aqui dentro de uma perspectiva sul-americana — o que èle diz se refere declaradamente ao judeu francês. Ora, conhecemos todos muito judeu, cristão nôvo tângido de Portugal pela intolerância dos séculos da colônia e que, em plagas brasileiras, perderam até a noção de sua origem, adaptando-se plenamente ao meio tropical, a ponto de se espantarem se lhes fêr hoje revelada sua ascendência semita. Logo, o que Sartre diz do judeu francês deveria ser inteiramente repensado e reformulado por uma simples mudança de coordenadas geográficas, o que então retira, pelo menos em parte, às suas afirmações a universalidade imprescindível em um pensamento filosófico.

Além do mais, dizendo à pág. 86 que Cristo foi morto pelos romanos, e não pelos judeus, esquece èle a pressão dos líderes religiosos de Jerusalém sôbre Pilatos e a famosa história da bacia d'água... Aquêles arrancaram dêste a condenação formal do Messias (o suplício da cruz era, de fato, latino), mas o magistrado romano, nada achando para condenar em Jesus, abandonou-o à sanha de seus inimigos patrícios.

È claro que Jesus não foi condenado pelos judeus enquanto judeus, mas enquanto homens. Houvesse nascido no Brasil, teria sido lapidado pelos brasileiros. Aliás, cada vez que um homem age mal, perpetua o mal sôbre a face da terra e assim recrucifica continuamente a Cristo...

IV. O EXISTENCIALISMO COMO FILOSOFIA CLASSICA

De há muito nos habituamos a encarar na atividade filosófica, menos a rigidez fria e morta dos sistemas a oporem-se sucessivamente através dos tempos, tal como vêm sumariados nos manuais de História da Filosofia, de que um depoimento, às vêzes heróico e sempre sincero, do pensador sôbre sua época, no perene esforço da espécie para compreender o Universo.

Já Cícero, na Antiguidade, observava não haver tolice que não houvesse sido proferida por algum filósofo. De então para cá, a confusão não melhorou. De fato, ao primeiro exame, chocam as contradições dos sistemas e escolas e muitos espíritos, sedentos de precisão imediata, ganham de logo um irremediável abuso por esse gênero de estudo. Todavia, aquele que toma gosto pela coisa e tem paciência e coragem intelectual de dar a volta completa ao redor de uma idéia, acaba se convencendo, como tão bem disse Merleau-Ponty, de que "as filosofias são as conchas que os filósofos habitaram: elas deixam apenas adivinhar a vida oculta do animal. Para além das doutrinas, ser filósofo é sentir que as verdades são discordantes e, todavia, solidárias, é procurar o nó, é mantê-las juntas como juntas estão no mundo, é a decisão de dizer tudo, é uma aposta na clareza". (*Elogio da Filosofia*)

Creemos que essa atitude inicial de simpatia em não desligar as doutrinas dos seus criadores, o que é artificialismo de escola, permite melhor compreensão da atividade filosófica. Nestas breves páginas, tentamos fazer compreender a necessidade de se entender Rousseau e Sartre, situando-os, do melhor modo possível, no tempo e no espaço e sem nos arvorarmos a juizes, atitude absolutamente imbecil em filosofia, visto que compreender, aqui, é tudo e julgar, quase nada, pois o esforço multissecular da inteligência humana de passar do sensível contraditório e complexo ao inteligível-lógico e simples é tão perene e forte quanto o suceder das gerações. Como o drama da vida, é uma eterna e misteriosa reformulação.

Antes de mais nada, o filósofo é um homem que usa as idéias como ferramentas de trabalho do mesmo modo que o pintor usa pincéis e tintas para produzir e criar. Não há meio, portanto, de compreendê-lo adequadamente separado de sua dolorosa mas nobre humanidade.

Muito se tem comentado, e de todos os modos, a filosofia existencialista, até as honras duvidosas da promoção popular obteve, anos atrás, no Brasil, com a marcha "Chiquita Bacana", que "existencialista com toda razão, só faz o que manda o seu coração". Deixando de lado comentários nem sempre felizes e comentaristas nem sempre desapaixonados ou suficientemente informados, vamos procurar ater-nos, nestas poucas páginas, ao comentário e meditação de uns poucos textos, curtos mas significativos, do existencialista, senão mais representativo da hora atual, certamente o mais lido e conhecido: Jean-Paul Sartre.

Tentaremos, por conseguinte, através de comentário das próprias palavras de filósofo, situar o seu pensamento na linha da *philosophia perennis*, fora da qual nenhum sistema pode aspirar à perenidade. O adjetivo *clássico* de nosso título é aqui empregado

em sentido amplíssimo, sinónimo da expressão latina também citada linhas acima.

É nosso propósito demonstrar, pelo simples e mui escolar, digamos quase escolástico comentário de textos, que o existencialismo se insere na tradicional filosofia ocidental, renovando apenas os velhos problemas, eternos angustiadores da alma humana, já tratados por inúmeros pensadores ao longo dos tempos.

É curioso registrar, a propósito, o insuspeito depoimento do ilustre pastor Martin Luther King, que, em ligeiras notas de autobiografia espiritual, diz: "... convenci-me, então, de que o existencialismo, embora tivesse entrado por demais na moda, alcançou, a respeito do homem e de sua condição, certas verdades básicas que não se devem desprezar. A compreensão da liberdade limitada do homem é um dos aspectos duradouros do existencialismo; sua percepção da ansiedade e dos conflitos produzidos na vida pessoal e social do homem pela estrutura perigosa e ambígua da existência é especialmente significativa para nosso tempo. Existencialismo ateu e existencialismo teísta têm, em comum, que a situação existencial do homem está dissociada de sua natureza essencial. Na sua reação ao essencialismo de Hegel, todos os existencialistas sustentam que o mundo está deslocado. A história é uma série de conflitos inconciliáveis e a existência do homem é carregada de ansiedade e privada de sentido. A resposta cristã não reside em nenhuma dessas asserções existenciais, mas encontram-se nelas muitos elementos que podem ajudar o teólogo em uma descrição válida da existência humana". (*A Força de Amar*, Martin Luther King, 1965 Casterman Paris — página 223.)

O texto sartriano que reputamos fundamental para a nossa demonstração é o seguinte: "Em termos filosóficos, todo objeto tem uma essência e uma existência. Uma essência, isto é, um conjunto constante de propriedades; uma existência, isto é, certa presença efetiva no mundo. Muita gente pensa que a essência vem antes e a existência depois... O existencialismo afirma, pelo contrário, que no homem — e só no homem — a existência precede a essência. Isto significa simplesmente que o homem antes é, e em seguida é isto ou aquilo". (*O Existencialismo é um Humanismo*)

Não precisamos remontar à escolástica para distinguir *essência* de *existência*, já que Sartre aceita a tradicional aceção de ambos os vocábulos de jargão filosófico.

O que importa é saber do ilustre filósofo o que o leva a afirmar que só no homem, e em nenhum outro ser mais, a existência precede a essência. Não há disparidade nessa exceção única? Por que não estender aos pássaros e aos peixes e outros viventes este privilégio singular? Não, responde Sartre, por se tratar do úni-

co ser dotado de consciência. De outro modo, o essencialismo seria verdadeiro determinismo a lhe tolher a liberdade.

Em uma entrevista, Sartre afirmou ainda: "O essencial não é o que fizeram com o homem, mas o que ele faz do que fizeram com ele". Pelo visto, se reduzirmos ambas essas suas assertivas ao cadinho de uma análise profunda, chegaremos ao pensamento tradicional, "clássico", da filosofia moral, muito vizinho das atitudes estoíca e cristã em face das agruras da vida, mas para uso do homem da era tecnológica, e que constitui sua grande originalidade. Tirado o modo retumbante, novidadeiro, literário, em que está vazada a sua filosofia, ao gosto moderno, para uso fácil das multidões não-especialistas, Sartre pode ser, então, enquadrado no esquema geral da filosofia ocidental. Seu pensamento é menos original do que a primeira vista pode parecer.

O problema da liberdade e da conduta em face das contingências de toda a espécie que cercam o homem, algumas pavorosas e trágicas, não é novo, e soluções aparentemente radicais, como a do existencialista francês, já apareceram ao longo da história da filosofia. Os cínicos não chocaram mais os seus contemporâneos do que Sartre aos "burgueses", que ele se compraz em escandalizar.

Na frase de Sartre, aqui citada por primeiro, parece estar implícito o problema da cultura, no sentido sociológico, e, por esse ângulo, não podemos deixar de concordar com ele, pois, só o homem *faz cultura*. O homem é homem antes de ser brasileiro ou francês, logo, a útil desmistificação processada pelo existencialismo está em porfiar pelo reencontro do indivíduo consigo mesmo — a sua essência —, despindo-se das cascas e capas sociológicas impostas pelo ambiente a ponto, se não reagir, de despersonalizá-lo.

Por tudo isso, o sartrismo, com o perdão de neologismo, reduzido ao fundamental, é uma filosofia *clássica* na sua temática e tradicional nos seus fundamentos: racionalista ao modo cartesiano, individualista ao modo renascentista e criticista ao modo germânico. Em suma, é uma filosofia ocidental.

V. A CIVILIZAÇÃO PESADA

Não nos vamos agora arvorar a juízes de Sartre e do existencialismo. É tão ridícula e tôla a posição do julgador em filosofia...

Pode alguém julgar, e muito menos vaticinar, o modo de desabrochar de uma flor ou de trinar de um pássaro?

Em suma, a vida vive-se e filosofia é vital, não algo morto para entretenimento de desocupados.

Sendo assim, terminamos estas desprezenciosas páginas da tentativa de um *approach*, de enfoque sul-americano do existencia-

lismo sartriano, observando a seus leitores, de tôdas as orientações doutrinárias, de que a melhor maneira para se entender um filósofo é situá-lo previamente dentro de suas coordenadas mentais, pois, descobrindo-se qual a sua protofilosofia, melhor se entenderá de onde provêm as vigas mestras de seu raciocínio, o qual, básicamente, é um ato livre da inteligência. De fato, um filósofo nunca pensa a partir do nada, mas sempre a partir de outro filósofo.

Dentro desta ordem de idéias, lembramos que Sartre é testemunha de um mundo que se acaba: a Europa prepotente e líder da era pré-atômica, da *belle-époque* do início do Século XX. Êle, ocidental branco de entre-guerras, reflete a justa revolta da consciência da península eurásiana, a região atualmente mais civilizada do globo, contra o que, pessoalmente, nos habituamos a chamar de "civilização pesada", isto é, o complexo de normas da civilização supertecnificada dos países desenvolvidos que acaba esmagando, nas suas férreas e anônimas engrenagens, as individualidades que precisam de liberdade para medrar e se desenvolver. Essa atitude inicial libertária, salvo melhor juízo, é o aspecto positivo, perene e mais simpático de existencialismo sartriano. As suas revoltas de Titã do espírito, contra os artificialismos e convencionalismos hipócritas da sociedade sofisticada e asfíxiante a que hoje denominam imprópriamente de burguesa, merecem, senão aplausos, no mínimo compreensão e simpatia. Até o seu ferrenho ateísmo é admirável, em uma perspectiva pascaliana de renegar o deus dos filósofos, o "deus-piparote" do primeiro motor aristotélico, o *deus ex-machina* feito à medida humana, deus de bolso a serviço de nossos interesses mesquinhos e, por isso, caricato e irreal. Denunciemos e destruamos, sim, juntos com Sartre, essa falsa noção da divindade para, do crisol da inteligência, retirarmos a sã e purificada noção infável do Deus Vivo de Abraão, Isaque e Jacó, ainda na linguagem de Pascal.

De referência ao ateísmo militante de Sartre, compreendemos perfeitamente a ojeriza invencível que lhe votam pensadores católicos do porte de Sertillanges (*O Problema do Mal*), Charles Moeller (*Literatura do Século XX e Cristianismo*) e Gabriel Marcel, que pessoalmente nos disse em Paris, em 1961, comentando a morte prematura de Merleau Ponty: "Fôra melhor que tivesse ido Sartre". Mas êles são homens de fé, o que é um dom de Deus. Não se deve pisotear Sartre por não ter êsse dom.

Quanto aos namoros dêle com o comunismo, tem precedentes ilustres, entre outros, em Bertrand Russel e André Gide. Nada há para admirar nisso. Está dentro da lógica das coisas. Sendo dos maiores e mais agitados movimentos de idéias em nosso tempo, é

justo que para êle se voltem, curiosos e esperançados, os espíritos da atualidade.

O contrário é que seria impensável. Mas ninguém vá imaginar que nas grandes inteligências a simpatia é sinônimo de servilismo intelectual. Longe disso, nenhuma abdica da sua liberdade de pensar. (Daí, certa feita, haverem proibido a venda dos livros de Sartre em uma exposição francesa em Moscou. Êle é perigoso e nocivo às ditaduras, pois, incita a pensar.)

Nessa linha de idéias, estamos seguros de que, se o próprio Marx hoje fôsse vivo, certamente não seria do P.C., por ser inteligente demais para se deixar encabrestar ideologicamente por quem quer que seja.

Aliás, o Marxismo é uma filosofia como qualquer outra e assim será sempre estudado e discutido pelos séculos afora, de igual modo ao estoicismo, ao criticismo e demais sistemas, enquanto que o comunismo é uma religião, com seus dogmas, seus fanáticos e seus heresiarcas. Curiosamente, a brutal cisão chinesa do bloco socialista, em nossos dias, lembra a seu modo o cisma religioso do Século IX, que separou católicos de ortodoxos.

Quem, como Sartre, não tem religião tradicional, deve andar necessariamente à cata de uma, daí seu pendor pelo comunismo, religião da moda, a ponto de as velhas aspirarem a lhe tomar as vestimentas com essas esquisitices de padres esquerdistas e outras novidades esdrúxulas que tais, nos tempos que correm. Mas nós, que já temos a nossa desde o berço, a qual vem dando muito bem para o gasto, estamos plenamente dispensados de procurar outra, e mais ainda de trocá-la. Para quê? É inútil. Pondo de banda a Fé, dom de Deus (dentro de uma perspectiva puramente cética, só para argumentar aqui), tôdas se valendo, que adianta mudar?

Não faz mêdo o comunismo de Sartre. Fará até bem para desencabrestar mentalmente alguns espíritos jovens seduzidos pela ideologia rubra por não terem ainda provado, como Milovan Djilas e outros, o travo bem amargo e decepcionante das perenes e odientas contradições humanas, inerentes à espécie. Nesse particular, sua peça *Mãos Sujas* é um excelente manual de salutar desmascaramento cívico e desmistificação política.

Consta que atualmente grandes críticas vêm sendo feitas ao existencialismo sartriano por uma nova geração de filósofos franceses, pertencentes à escola dita estruturalista. O sentido absoluto da liberdade defendido pelo festejado autor do *O Ser e o Nada* anda sendo revisado por êles, segundo a noção de que estamos insertos em uma estrutura a qual não podemos negar, nem desconhecer, nem a ela nos furtarmos. Veja-se a diferença entre a fala (natureza) e a língua (cultura).

Quer-nos parecer que esta revolta demonstra a reconstrução

da Europa em bases novas e sólidas. Se os sistemas filosóficos refletem as sociedades que os viram nascer, assim como Sartre surge logicamente do descalabro material e moral dos após-guerra, o seu sucesso se deveu à necessidade da busca, então, de novos valores (e tinha, por isso, alguma razão em arvorar-se de humanista), hoje não mais se justifica a descrença nos valores em que está alicerçada a nova ordem político-sócio-econômica surgida depois da Segunda Guerra Mundial e cujos salutares efeitos aí então com a descolonização, o Mercado Comum, a invejável estabilidade econômica da França, etc. . . Sente agora o homem europeu, especialmente o francês, quão vinculado está ao "outro", ao mundo, à sociedade em suma. Esta recente não-aceitação do radicalismo sartriano parece muito significativa, mas, de modo algum, invalida o oportuno esforço do ilustre filósofo francês de conscientizar o homem da sua dignidade, o que as modernas hecatombes inclinavam a não justificar.

O neo-estruturalismo que agora surge, se faz bem em repensar a contribuição sartriana ao tesouro filosófico comum, de maneira alguma a aniquila. De certo modo, valoriza-a até, situando-a melhor no tempo e no espaço.

Terminamos estas ligeiras considerações advertindo ao leitor brasileiro de Sartre, sobretudo se pouco afeito à filosofia, da necessidade de uma defasagem no aplicar à civilização brasileira, incipiente e ainda por fazer, as críticas que o filósofo francês faz à civilização européia multissecular e estável. Aplicar ao pé-da-letra à nossa cultura tropical o que êle diz da dêle, seria grave contra-senso.

A leitura de Sartre pelas novas gerações pensantes, especialmente as sul-americanas, com pouca tradição universitária e pequena bagagem filosófica, mas naturalmente ávidas de encontrar bússolas e roteiros mentais, pode ser um bom ponto de partida pela força, sinceridade e acuidade em que está vazada a sua obra, mas nunca poderá servir no Novo Mundo como ponto de chegada. Excelente dissolução crítica preliminar, falta-lhe a luminosa síntese final. No particular, Teilhard de Chardin, com tôda a sua poesia e santo otimismo, é muito mais construtivo e salutar.

REMY DE SOUZA